

## O TEMPO DO SONHO<sup>74</sup>

Félix Guattari

Seminário

22/03/1983

**E-** Li algo de alguém cujo nome não sei pronunciar, um alemão, que pertence a essa corrente da psiquiatria fenomenológica que eu desconhecia totalmente. Essas pessoas, que leram Heidegger com atenção e, mais particularmente, Husserl, tomam Freud literalmente a partir dessa famosa frase: o inconsciente é atemporal. Eles mostram que no texto de Freud as coisas são infinitamente menos simples, já que na segunda tópica há uma certa reintrodução do tempo no nível do inconsciente. E, o que é ainda mais interessante para nós, eles explicam que, para eles, nenhuma abordagem da psicose é possível sem antes colocar o problema do tempo e das modificações temporais da consciência. Acho que esse é um texto que poderia ser traduzido para o francês.

**P** - Mas você sabe, até mesmo o inventor da esquizofrenia era do mesmo grupo, L. F. Minkowski.

**P** - Sim, mas ele não era alemão. Ele era um polonês-francês que escreveu, entre outras coisas, *Le temps vécu des schizophrènes*. Talvez você devesse ler esse livro, é muito interessante. Ele fala sobre estados maníacos, epilepsia... E isso foi retomado na França, basicamente, de uma forma muito mais clássica por Henri Ey, que tentou integrá-lo a uma teoria organodinâmica. De fato, Minkowski interpreta os estados maníacos e melancólicos quase que exclusivamente em termos de temporalidade, de fatores temporais: estagnação do tempo, desaceleração, aceleração do tempo. Precisamos fazer mais do que simplesmente exumar esses textos.

**F** - Em vez de traduzir um texto, seria melhor trabalhar nele, isso seria bom. O tema que me vem imediatamente à mente é voltar a apresentação que você fez sobre sonhos, com a noção que você trouxe sobre a longa duração dos sonhos. Pode ser surpreendente ver que o tempo da vida

---

<sup>74</sup> Tradução: Larissa Drigo.

cotidiana já está sujeito a pausas muito marcantes, dependendo se você está conversando com alguém ou se está entediado em um canto, deprimido, lendo ou digitando. Durante o sonho, haveria uma situação paradoxal: ao mesmo tempo, haveria fenômenos muito acelerados e imediatos de descontinuidade do tempo, e longas durações seriam estabelecidas. É como se houvesse uma distensão das dimensões do tempo. Em outras palavras, no tempo capitalista, o tempo é ponderado e, além de uma certa velocidade, há uma fuga de pensamentos, mania e assim por diante. E além de uma certa desaceleração... Enquanto que aqui é como se houvesse uma multiplicidade, uma fragmentação do tempo.

**T** - Eu queria dizer que o tempo do sonho não é linear. O mesmo acontece no delírio. Há essa impressão de duração, de série mesmo, mas não é um tempo linear, é outro tipo de continuidade e outro tipo de descontinuidade.

**P** - Alguém pode ter um sonho que se desenrola de forma mais ou menos linear até um certo ponto. Então, na primeira bifurcação da estrada, uma determinada história acontece. Em seguida, você retorna ao ponto de separação e pega outro ramo, então você volta e começa de novo, como se houvesse várias possibilidades. Com o tempo, isso é vivenciado como um fenômeno muito particular: você volta e começa de novo, outro roteiro possível.

**T** - Mas também é a linguagem que muda quando você conta, porque a linguagem é um pouco linear, então, quando você conta, você tem essas impressões, mas quando você sonha, a história passa por si mesma, é óbvia, você não se perde.

**G** - Quando você está narrando, é obrigado a aplainar em uma espécie de superfície algo que você sente...

**F** - Isso anda de mãos dadas com uma operação sobre o interesse, o investimento do sonho. Uma experiência frequente: quando você acorda, tem a lembrança de ter sonhado com algo muito longo, muito desenvolvido, imenso. Você tenta guardar parte do sonho, mas fica desapontado porque logo percebe que perdeu pelo menos 9/10 dele. Então, você mantém alguns elementos que não parecem muito interessantes, tem a impressão de que perdeu muita coisa e,

depois, quando semiotiza esses poucos elementos, percebe que eles vão em todas as direções, descobre uma estranheza secundária e, portanto, uma riqueza própria nos elementos que pareciam banais para você, contra o pano de fundo de tudo o que foi perdido. E, de repente, é como se fosse uma espécie de resíduo de urânio enriquecido que, por si só, carrega uma série de coisas. Portanto, isso está de acordo com a mesma hipótese do rizoma do tempo, ou seja, você tem a nebulosa em expansão do conjunto do sonho. Você guarda um elemento e percebe que ele próprio está se expandindo.

**G** - Parei de anotar meus sonhos por um tempo e quando tentei me lembrar deles, nada. Então, um dia, peguei um pouco, outro dia um outro pouco e, depois de uma semana, tive um sonho que continha os outros sonhos, um afresco, não eram as mesmas imagens, mas estavam recompostas.

**T** - Isso me faz pensar na visão de certos insetos, especialmente as moscas, que têm 4.000 Omatídeo, 4.000 pequenas facetas de várias coisas, e os sonhos às vezes me fazem pensar nisso. Em vez de ver uma coisa, depois outra, depois outra... uma visão muito mais multiplicada.

**F** - Isso me lembra muito as células repetitivas da música. Como sequências repetitivas, obviamente de diferentes durações, diferentes ritmos, mas também diferentes materiais de expressão. É aí que apresentarei meus mapas-esquemas: música repetitiva de um certo número de fluxos, elementos, imagens e etc. É o caso de processos que tentam se escorregar, que tentam dar sua própria lógica maquina. Você também tem universos que se impõem como tal, como podem. Mutações repentinas que significam que os mesmos elementos são subitamente iluminados de uma maneira totalmente diferente, porque eles não estão mais nos mesmos sistemas de referência incorpóreos. E então, acima de tudo, você tem - e essa pode ser a característica dominante - o que voltaria à função primária do sonho de Freud, que é dormir, você tem um território de sonho, territórios de sonho, recortes territoriais em relações segmentares que procuram se impor, que se atravessam. É como uma música em quatro dimensões, mas cada dimensão tenta se combinar e defender sua própria lógica.

**M** - Um de meus pacientes me conta sobre um pesadelo. Ele fala de uma cobra que o ameaça de morte. E eu tenho o mesmo sonho que ele. Sonho que uma cobra está me mordendo e digo a mim mesmo nesse sonho: se for mortal, tenho tempo para descobrir, porque vou morrer. Não é letal imediatamente. Eu tinha um mínimo de tempo e essa foi a diferença entre os dois sonhos. Na sessão seguinte, contei a esse paciente sobre meu sonho e ele riu muito.

**P** - Um dos meus pacientes me disse um dia: algo estranho aconteceu comigo; outro dia eu estava hospedado com amigos em uma casa no campo, muito perto de uma floresta e o tempo estava muito bom; eu estava no jardim em uma espreguiçadeira com um romance muito interessante; e eu estava lendo e o vento passava na floresta, eu podia ouvir o barulho das árvores, teve um raio de sol que chegou em um determinado momento, eu estava inundado pelo sol, e depois eu ouvia as pessoas conversando na casa, especialmente as mulheres que talvez estivessem cozinhando ao mesmo tempo, algo muito suave (*très doux*), muito envolvente e que realmente anunciava momentos muito felizes que estavam por vir, e eu realmente me senti muito bem. Então, eu estava lendo esse romance, ouvindo tudo isso e, em determinado momento, parei de ler, coloquei meu romance no colo e disse a mim mesmo: “Como seria bom estar em um jardim, em uma espreguiçadeira, com um bom romance, perto da floresta, sob o sol, e então haveria pessoas em uma casa a vinte metros de distância, mas eu as ouviria conversando, e assim por diante. E, em poucos segundos, toda essa cena não passava de um desejo, um anseio por vir, e não era de modo algum algo que ele estivesse realmente vivenciando, uma suspensão completa do presente do tempo, um território de sonho que se definia. Ele ficou muito impressionado, mas de repente pensou: o que está acontecendo? Mas é isso mesmo!

Achei essa experiência muito estranha. Fazia parte de uma série muito interessante de fenômenos de divisão. Houve outro sonho que foi menos interessante porque era um pouco óbvio demais, em que ele estava fazendo amor consigo mesmo, em que estava sentado no próprio colo, tinha seios e estava fazendo amor consigo mesmo, sabendo que o outro era ele.

**F** - É a mesma estrutura do outro sonho.

**P**- Sim, mas é muito mais espacial e o outro é mais temporal. Achei isso muito interessante porque o que já conhecemos muito bem são as sensações de *déjà vu*, precisamente todos os

sonhos epilépticos ou as sensações dostoiiewskianas de *déjà vu*, e o que sabemos menos é isso. É a primeira vez que ouço pessoas falarem assim sobre projetar algo que vivenciaram para frente. Não é uma sensação de *déjà vu*, é uma sensação de não experimentar algo que já foi experimentado.

**E** - O sonho existe aqui apenas como material puro para expressão, de certa forma, porque o conteúdo está lá. É verdade que costumávamos definir os sonhos em termos de conteúdo. O problema é saber como o conteúdo se encaixa, porque sempre há pedaços faltando. Problema antigo! E o que sempre escapa desse desejo de encontrar o que está no meio é a história do sonho como tal, sua espessura, que é simplesmente sua própria temporalidade. Nós só o conhecemos no nível do sintoma, no nível da falta, no que está faltando entre dois pontos singulares. No que P. narra, há a afirmação de uma pura questão de expressão, ou seja, uma pura intrusão em outro tipo de tempo, uma vez que o próprio conteúdo já está dado.

**P** - O que me interessou muito sobre esse sonho é que, em geral, nós falamos, os lacanianos em particular, muito facilmente sobre “a outra cena”. De fato, eles falam do sonho como um espaço, algo sempre topológico. E aqui, de repente, essa outra cena não é outra cena, mas outro tempo, uma espécie de telescopagem que significa que, de repente, o tempo presente é literalmente projetado para frente, virtualizado.

**F** - Mas não é apenas o tempo projetado para frente, virtualizado, porque é o próprio limite do tempo que é proposto. Os blocos de tempo se fecham em si mesmos. Talvez possamos dizer que é uma certa produção de subjetividade que encontra seus limites.

Em um caso, o do segundo sonho, no espaço do corpo onde ele faz amor consigo mesmo, onde ele abraça a si mesmo - que paradoxalmente se parece muito com o sonho de M. em comparação com o de seu paciente, com essa pequena margem (de segurança) para apenas agarrar um diferencial que é a coisa essencial no final para poder se safar: bem, sim! podemos fazer isso, mas apenas no último momento com este gesto: oi!

Isso nos leva de volta à pergunta: a que propósito isso serve? Que função tem? Que tipo de subjetividade está sendo produzida nessa situação? E que uso fazemos dela?

**G** - Há uma constituição do possível por meio da supressão do limite; elementos de possibilidade absolutamente fabulosos. E acho que isso está realmente ligado ao fato de que o tempo cronológico não existe mais, então uma nova possibilidade criativa surge nessa dimensão. Não há mais limites.

**F** - Em outras palavras, não temos mais atos gerais e universais de referência. Se mantivermos essa ideia de que o tempo e o espaço são definidos como coordenadas capitalistas, há coordenadas de troca generalizada que são o dinheiro, que são o tempo, começando pelo tempo de trabalho, entre outros, que são o tempo de Virilio, o espaço de comunicação; Em princípio, com a mesma energia e a mesma massa, você pode ir a qualquer lugar, mas, na verdade, não é assim que funciona; em particular, quando você é agorafóbico, não pode se mover no espaço da maneira que deseja e não pode se mover no tempo da maneira que deseja, pelo simples fato de que você se depara com a cobra, a morte e assim por diante. Percebemos que a noção de tempo universal está totalmente fora da realidade de nossa subjetividade e que estamos lidando com referências que são totalmente singulares, ou seja, não temos nada a dizer a ninguém sobre o tempo e o espaço em que estamos, porque somos tão parte deles, estamos tão inseridos que eles são totalmente intraduzíveis. Não é você que vai morrer no meu lugar, não é você que vai fazer o que quer que seja nessa ordem. Ou são referências territoriais. Eu posso fazer isso em um determinado tempo, em um determinado ritmo, em um determinado espaço, dentro dos limites de lá e de cá. Mas se você mudar meu espaço, se mudar minhas coordenadas subjetivas, não poderei fazer isso de jeito nenhum. Parece-me que as categorias de tempo e espaço transcendentais são categorias que devem ser situadas exclusivamente dentro da estrutura dos agenciamentos. Elas podem ser capitalistas, podem ser chamadas de outra forma, mas, no fim das contas, são agenciamentos de semiotização social. A partir do momento em que você está em uma semiotização que é onírica, neurótica, poética ou qualquer outra, é óbvio que a própria noção de tempo e espaço - como a entendemos - não se sustenta de forma alguma. É nesse ponto que talvez possamos reintroduzir coordenadas de referência que não sejam mais coordenadas espaço-temporais universalistas, como: aqui, nessa subjetividade, é o meu território, ou aqui não é o meu território, ou é o território conjugal-familiar, ou profissional, ou do clã. E então há um limiar em que ele não está mais lá; nesse tipo de dimensão, é o meu processo, é o meu filo (*phyllosum*), está tudo bem, eu sei como fazer, posso fazer até aqui, e então ah, não! ele

para. Ou é o processo do meu grupo, se eu estiver em tal e tal situação, em tal e tal contexto, bem.

Temos então que reintroduzir as outras coordenadas de quais são os limiares, abaixo dos quais não é a boa constelação de universos, não funciona, não dá nada, e quais são os fenômenos de discernibilidade de fluxos, de intensidade, de heterogeneidade de fluxos para que a coisa passe. Mas o quê? Você poderia chamá-lo de tempo, mas também poderia chamá-lo de temporalização ou subjetivação. No final, um certo tipo de agenciamento...

**N** - Nesse tempo, eu posso encontrar algo...

**F** - Não é nem nesse tempo, é: eu posso temporalizar, há um agenciamento de temporalização ou de relações espaço-temporais nesse agenciamento. E em outro, como no sonho que você mencionou, é como se a beirada pulasse, é assim.

Eu gostaria de fazer a pergunta novamente: em que contexto, a que preço (em todos os sentidos da palavra preço) o tempo é traduzível? Em que ponto o tempo é realmente traduzível para si mesmo? Somos realmente iguais? No mesmo continuum? No mesmo processo? O que faz com que alcancemos limiares em que não somos mais nós mesmos na continuidade do tempo? A experiência psicótica, a experiência do sonho, a experiência da dissociação é o fato de que há temporalizações que são desarticuladas. Não podemos nem mesmo dizer que estamos no cruzamento de vários agenciamentos. Isso se agencia em subjetividades heterogêneas.

**E** - Parece-me que, ao lado desse tempo definido pelo território, já que você define o agenciamento como um microterritório (exemplo de P. ), também podemos imaginar um outro tempo que seria um tempo concebido como um componente de passagem, ou seja, a passagem entre diferentes territórios, e são precisamente esses cruzamentos de limiares que dão a impressão de um outro tempo, um tempo que não é referenciável em um sistema de equivalentes de traduzibilidade, em um sistema capitalista.

**F** - Sim, é tentador, exceto pelo fato de que há todo tipo de eventualidade. O que você está falando é de uma ruptura de constelações de universos e, em algum momento, de repente, passamos para outro registro.

**E** - Não necessariamente de forma abrupta!

**F** - Então, essa seria a maneira de não fazer uma transição repentina; escorregando (*glissement*) de uma constelação para outra. E, de fato, temos de modular isso na vida cotidiana normal, porque estamos constantemente modulando esses escorregões, essas passagens, negociamos essas curvas de um território para outro em uma relação diacrônica entre todas as formas de manter diferentes territórios, fluxos etc. Mas o que é o surgimento de um capital de possibilidades também é algo que pode ser modulado pela forma como nos movemos de um território para outro. Mas o surgimento de um capital de possibilidades é também algo que pode destruir todas as possibilidades e paralisá-las. É um pouco como o que dissemos com Deleuze sobre o corpo sem órgãos. Há também uma maneira de criar um corpo sem órgãos que os despedaça completamente e torna impossível articular ou continuar um processo. Os gregos colocaram a *phronesis*, a prudência, no centro, os estóicos...

**E** - Aristóteles em particular.

**F** - Sim. A *phronesis* seria uma micropolítica que permitiria essas passagens de produção de uma subjetividade para outra sem ir muito longe...

**E** - É preciso ter um pouco de cuidado com esse tipo de noção porque, particularmente em Aristóteles, a *phronesis* sempre tem uma função mediadora no sentido mais horrível do termo, é realmente dialética. É uma máquina para esmagar a diferença e reafirmar a identidade repetidas vezes. Portanto, não sei se o exemplo da *phronesis* seria um bom caminho a seguir. É tanto um fator de inibição quanto de realismo, no sentido mais “pequeno-burguês” do termo, para usar as categorias dos filósofos marxistas ingleses da década de 1950.

**S** - Para mim, os sonhos têm uma espécie de função de congelamento. É como se os agenciamentos de temporalidade em função no sonho pudessem ser suspensos a qualquer momento. Na realidade, quando você termina, você terminou. No sonho, ele sempre pode ser retomado em um belo dia, muito tempo depois, em outro sonho. Na realidade, ou aconteceu ou

não aconteceu. No sonho, os agenciamentos sempre podem ser retomados de uma maneira diferente. É como se cada componente estivesse suspenso, armazenado e, em alguma ocasião, pudesse ser recomposto de outra maneira.

**F** - Mas acho que isso é um pouco contraditório com o trabalho que você fez sobre o sonho. Os elementos do sonho podem ser retomados sem que isso exclua a ideia de um processo irreversível expresso por meio da linha dos sonhos. Nesse caso, finalmente, teríamos uma historicidade, uma história, uma longa duração dos sonhos que seria completamente comparável à longa duração da história, independentemente das ilusões que encontramos na história, como no sonho do *déjà vu*, de voltar no tempo: Isso é uma revolução, já vimos isso 36 vezes, mas... Porque, sem isso, você parece estar apresentando as coisas como se houvesse basicamente uma maleabilidade, um tipo de relação de reversibilidade completa existente no sonho, enquanto isso não existiria na realidade. Pessoalmente, eu não faria uma oposição entre o imaginário e o real. Acho que são dois tipos de realidade, ou dois tipos de imaginação, como preferir, que evidentemente envolvem elementos de repetição, até mesmo elementos de eternidade, se preferir, como universos incorpóreos, e depois fluxos de retorno, flutuações de todos os tipos, mas que também envolvem processos irreversíveis. Além disso, você pode muito bem perder uma guerra em um sonho e de uma vez por todas, mas talvez não seja capaz de localizar quando, onde e como a perdeu. Na história é a mesma coisa. Isso é tudo o que os historiadores fazem: recontam a história, recontam-na em todos os sentidos. A narrativa histórica e o sonho me parecem ter o mesmo método geral. O fato de eles continuarem reescrevendo a história não significa que não exista história.

**S** - Eu estava falando mais sobre a elaboração de um sonho, que pode retomar um elemento de temporalidade suspenso por muito tempo.

**F** - E qual é a diferença com os modos reais de temporalização? Os artistas retomam processos que estão suspensos há dois mil anos. Eles recomeçam do mesmo ponto. Os filósofos também redescobrem e retomam uma pista esquecida.

**S** - Um ator pode assumir o controle de uma peça, um texto que data de vários séculos. No caso do sonho, retomariamos o que o inspirou, o que o levou a ser escrito.

**X** - Não é um ato, não é uma performance.

**F** - Não é um rearranjo, uma representação. É sempre um reagenciamento, uma produção tanto da subjetividade quanto da realidade. Você sempre começa do zero em algum lugar nesse negócio, seja em um sonho, na história ou na arte; mesmo quando você repete.

Por que estou discutindo um pouco aqui? Talvez eu esteja colocando minhas intenções em jogo aqui. No sentido de que, se fizermos essa diferença, talvez estejamos reintroduzindo uma espécie de axiomática que consistiria em dividir os dados em duas partes: aquelas que estariam do lado bom da criatividade, da possibilidade de recuperar suas bolas, da secreção de um possível livre. Por outro lado, do lado da realidade, o gongo caiu, desta vez acabou, está no passado, está no real, você não pode recuperar suas bolas, não pode retomar seus lances. Então, finalmente, naquele momento, com todas as consequências metodológicas que isso terá para a análise das convenções do inconsciente. Mas podemos imaginar outra perspectiva, e essa seria a minha tentação, que seria dizer: podemos trabalhar tão bem com o inconsciente nas dimensões imaginárias quanto nas dimensões do presente ou nas do futuro em formação. Só que, efetivamente, isso não envolve os mesmos tipos de coordenadas.

**E** - Sim, no tipo de diferenciação que você está introduzindo, S., eu vejo uma diferenciação freudiana. Por um lado, o princípio da realidade. Eu o equiparo ao tempo e o tempo, de certa forma, é o princípio da morte. E, por outro lado, haveria efetivamente um tempo de sonho que seria atemporal, mas que nós, por uma espécie de perversão, chamaríamos de Tempo, o tempo verdadeiro.

**S** - Não, não foi isso que eu quis dizer.

**F** - Não estou convencido - talvez seja uma fase de minha psicopatologia pessoal - de que haja muita diferença entre o que acontece em um sonho e o que acontece na vida desperta. Tenho a impressão de que esses são modos de semiotização que são sobrepostos com características

dominantes, mas talvez devêssemos introduzir o problema da atenção: limiares de consciência, limiares de atenção distendem e distraem, e, nesse momento, o processo do sonho começa a funcionar. Eles se perfilam, infiltrando-se nos modos dominantes de semiotização, controlados e atestados pelas relações sociais, as relações de comunicação, as significações dominantes, todos os quadros linguísticos, sociais e legais da vida desperta, mas me parece que eles estão completamente sobrepostos. E, por outro lado, dentro do sonho, há também essa negociação perpétua, esse discurso da realidade que sempre permeia todas as situações. Em outras palavras, os sonhos não são a estrada real (*Royale*) para a consciência interna.

**P** - A pessoa que melhor descreve esse tipo de comunicação, no final das contas, é Michaux. Ele consegue contar essa história por meio das passagens mais sutis de sua escrita.

**F** - Não vou criticar o S. Mas certamente há uma disposição pitonisa (deusa grega que possui o dom da profecia): ah voilà! Encontrei um material, uma borra de café, algo que vai me dar acesso às joias do possível. O sonho, puf! sim.

**P** - O último filme de Bergman, *Fanny e Alexander*, é muito bonito desse ponto de vista. A unidade lógica da narrativa é constantemente quebrada por uma mudança nas temporalidades. Os grandes tempos, relativamente específicos, lembram muito os temas strindbergianos de céu, inferno, purgatório etc., mas são completamente atravessados por uma multiplicidade de situações muito específicas e pontuais, elementos que, em um dado momento, não sabemos mais se pertencem à realidade ou ao imaginário. Poucas vezes vi o cinema, até mesmo Fellini, conseguir fazer isso tão bem. Basicamente, Fellini não conseguiu lidar com a matéria-tempo nessas situações de passagem. Ele se apoia constantemente em referências espaciais, zonas geométricas de passagem, desfiladeiros, abismos, ou simplesmente em sistemas cinematográficos técnicos, cross-fades etc., em que estamos no tempo do sonho, mas não estamos lá. Em Bergman, algo acontece e, de repente, você diz a si mesmo: afinal, isso não é verdade, e por que não? Então você passa para outra coisa e se pergunta se tudo o que acabou de ver é algo que você realmente vivenciou ou se é um sonho. E, em vez de lhe dar as chaves para ajudá-lo a entender que estamos passando de uma cena para outra, as chaves espaciais, ele simplesmente

brinca com o registro do tempo e te deixa completamente no escuro. Toda narrativa (*récit*) é assim.

**F** - O que seria uma encruzilhada importante para nossas preocupações seria ver se, no lugar da noção de tempo de referência e de espaço de referência, podemos substituir a noção de transformações e futuros. Surgirá então uma grande questão. Nos dirão: isso é muito bonito, mas vocês dessexualizaram completamente o inconsciente. Só há devires, vocês fizeram algo que perde uma dimensão essencial, a intrusão das descobertas freudianas, porque finalmente as coisas acontecem, as lutas micropolíticas começam na primeira infância e são lutas ferozes, uma máquina da sexualidade é desencadeada, uma máquina infernal. A questão que surge é como, nessa perspectiva do inconsciente transformacional, na qual não nos damos *a priori* as coordenadas da realidade, do tempo, do espaço, da lei etc., podemos dar conta das provações micropolíticas, obviamente não apenas aquelas da cena primitiva e das várias cenas familiares, mas também de qualquer outra provação personológica ou relacionada ao poder. Como podemos reinstituí-las? Reposicioná-las? É verdade que, ao tornar isso uma função geral, há a questão da entrada da função teatral, pelo menos para mim, sempre que uma cena é explicitamente instaurada no sonho, um território dentro do território do sonho, onde as apostas são projetadas, expressas e encenam as questões e consequências.

**P** - Isso funcionaria (a chamada cena primitiva, por exemplo) como uma chave de sol ou chave de fá, em outras palavras, um codificador inicial...

**P** - Um codificador capitalista que dá o tom da linguagem exatamente como em uma sociedade arcaica, a partir da situação iniciática, é assim que se lê, que acontece ou traduziremos o resto. E depois as chaves para a permutabilidade. Você é um menino porque não é uma menina. É preciso observar o conjunto da relação. Portanto, relação binária, falo-não falo, identificação, etc.. É importante tentar abordar o problema dos dois lados, porque, caso contrário, diremos: não há um processo primário e, no final, há toda essa merda de encenação, de entrada em provações micropolíticas, sexuais e outros.

**P** - Quando analisamos, entre todos os textos de Freud sobre a cena primitiva, o sonho do homem com os lobos, parece-me que é a primeira vez que ele volta a algo que teria acontecido na infância do sonhador, com um ano e meio de idade, uma produção fantástica e cinematográfica. Ele investiga e diz: tem um ano e meio e foi às três horas da tarde, durante o cochilo dos pais. Você percebe que, ao fazer essa pesquisa, ele constantemente leva em conta (sem dizer isso, porque não é necessário: ele está falando com pessoas que são seus contemporâneos) toda uma série de dispositivos e agenciamentos que são considerados conhecidos e universais: Por exemplo, a estrutura de uma casa, como os cômodos são organizados, o lugar das portas, as relações de sexualidade em um determinado momento ou a relação com a nudez, ou o fato de que a comunicação é essencialmente por meio da narração de histórias e que ainda não há televisão. E também as empregadas domésticas, muito importantes, e isso aparece várias vezes, elas são as iniciadoras por excelência!

**F** - É como nas sociedades antigas, eles falam de tudo, menos de escravos!

**P** - De qualquer forma, Freud dá tudo isso. E, logicamente, agora teríamos de dizer: certamente há algo que desempenha esse papel no momento atual, e podemos ter certeza de que não são os relacionamentos da mãe e do pai atrás da porta fechada com barulhos, etc. Deve haver algo que tenha essa função, essa importância “estrutural”, mas é algo completamente diferente. Seria muito interessante saber o que é. Estou pensando um pouco sobre o aparelho de televisão, mas não tenho certeza se isso acontece nessa tela, uma espécie de intuição como essa.

**F** - Você não vê mais a imagem no espelho, você a vê na televisão. Temos uma fabricação do eu na mídia de massa que certamente é anterior a todos os sistemas de corte idealizado do eu, como foram articulados com as babás.

**P** - Isso é verdade para o eu, o eu fragmentado, o eu sexuado. E também é verdade para as emoções, ou seja, imagino, não sei por que, que as emoções mais fortes talvez ocorram na frente da tela e não no quarto ao lado. Essa é apenas uma hipótese entre muitas outras.

Recebido em: 30/09/2024

DOI: <https://doi.org/10.23925/cs.v1i23.69876>

 CC BY 4.0

Aceito em: 16/10/2024